

## **Pobre gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual; Como a glamourização da favela fez com que ela chegasse aos palcos do Rock in Rio?<sup>1</sup>**

Tereza DIAS<sup>2</sup>

Tobias QUEIROZ<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/ RN

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar o processo de glamourização das comunidades. As discussões foram baseadas em estudos sobre o lugar da favela e seus moradores no debate social e político (Valladares, 2000). A metodologia norteia-se de forma crítica na reportagem *Melanina: Das batidas das festas surge o empoderamento do povo preto*, (YAHOO e Alma Preta Jornalismo), propondo uma correlação do funk, da mídia e seus feitos dentro das comunidades. Com isso, busca-se refletir como grandes empresários tornaram “a favela que se vê nas favelas que se vendem”. Por fim, a pesquisa tem o intuito de proporcionar conhecimento sobre o funk e sua importância social e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade; Favela; Funk; Povo Negro; Cultura.

### **INTRODUÇÃO**

As favelas se tornaram pontos turísticos desde que a mídia começou a noticiá-las, divulgando as violências e os riscos sofrido pela sua população. Após os noticiários mostrarem as iniciativas positivas de ONGs e empresas privadas na tentativa de resgate e apoio a essa população abandonada pelo poder público. As visitas de artistas famosos, como Michael Jackson (1996) e Madonna (2009), despertaram nos turistas a curiosidade de saber mais sobre esses lugares onde a tristeza, alegria, pobreza e superação coexistem.

Antes, com seus espaços definidos como “cortiço”, a favela era considerada o inferno social. O cortiço era o que representava a pobreza no século XIX, visto como o lugar dos homens pobres, trabalhadores e honestos em menor quantidade e,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ VII - Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região do Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante da Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UERN, e-mail: [vitoriajob@alu.uern.br](mailto:vitoriajob@alu.uern.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, e-mail: [tobiasqueiroz@uern.br](mailto:tobiasqueiroz@uern.br).

principalmente, onde se encontravam os vagabundos e malandros em maior quantidade. Defendido por uma parcela da sociedade como antro de “vadiagem” e causador da proliferação de epidemias e vícios. Os espaços e os povos que os ocupavam, foram considerados uma ameaça à ordem moral e social.

Segundo Ligia Valladares, a denominação “favela” começou a ser empregada como substantivo na segunda metade do século XX, quando uma nova categoria designou os locais de moradia conjunta de um grupo pobre, de ocupação irregular localizada, geralmente, em encostas. Anteriormente, esse termo estava relacionado ao Morro da Favela, antigo nome do Morro da Providência, abrigo dos ex-combatentes da Guerra de Canudos, que ali se instalaram com o intuito de pressionar o Ministério da Guerra a lhes pagar a devida remuneração. (VALLADARES *apud* ABREU, 1994).

Na literatura, a favela é tida como repúdio da elite governamental, como diz Carolina Maria de Jesus na obra Quarto de Despejo. Trazendo um olhar sobre a favela de Canindé, em São Paulo, ela descreve como a divisão social presente nos conglomerados era o retrato sociopolítico da época, mas também, reflete o cenário atual, [...]“Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 2020, p. 32).

## **METODOLOGIA**

Através de pesquisas bibliográficas, reportagens audiovisuais e escritas, esse estudo se norteou em analisar como a mídia usou da sua influência para criar de modo sensacionalista uma cultura de repreensão aos estilos da periferia. A partir dessas análises o estudo irá criar uma linha do tempo assimilando o samba e o funk de modo que possamos refletir sobre como a cultura negra foi hostilizada pelo poder público e por grandes empresários, até que perceberam que poderiam, também, começar a lucrar com esse estilo, transformando-o inclusive em uma esfera além da musical.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

A partir da assinatura da Lei Áurea em 1888, muitos dos escravos libertos chegaram à capital do país, que estava situada no Rio de Janeiro, em busca de trabalho. Foram estes, que levaram o samba da Bahia para o Rio de Janeiro, que por conseguinte

se desenvolveu no final do século XIX. O ritmo que mistura cultura africana e rituais de religiosidade e dança, logo ganhou notoriedade, principalmente nos morros cariocas entre a população originalmente mais carente, recebendo portanto uma função de interação entre grupos marginalizados. Nesse momento, o estilo ainda era visto como uma cultura do “morro”, sendo marginalizado, inclusive, com muita perseguição policial.

A repressão ao samba perdeu a força graças a ações governamentais criadas pelo Presidente Getúlio Vargas (1930), que o utilizou para promover a identidade e nacionalidade brasileira da época. Contudo, para que essa popularização ocorresse, o governo contou com iniciativas para "desafricanizar" o gênero. Então, a partir dessa propagação as influências africanas eram diminuídas.

Investigando as raízes da cultura brasileira e as origens do samba são perceptíveis e semelhantes ao funk. A linha de recorte pode ser vista da seguinte forma: o samba como herança afro-brasileira que deu origem a ritmos como funk. E ainda, a semelhança entre os movimentos como um fator social de contexto periféricos e marginalizados que encontram, a partir de suas origens uma forma de evidenciar o povo preto. Dessa maneira, a identidade do funk e do samba, que lhe permitem o sucesso, é o mesmo fator que gera sua aniquilação; a cultura negra que está saindo da favela para fazer sucesso no mundo.

Derivado da Soul Music, o funk sofreu várias transformações até chegar no que conhecemos hoje. No fim dos anos 70, o ritmo chegou ao Brasil e os primeiros bailes funks foram realizados na Zona Sul do Rio de Janeiro. Após o crescimento do MPB e do uso desses espaços agora para shows do gênero, os “Bailes da Pesada” começaram a mudar-se para o subúrbio.

Ao descobrir o funk, a imprensa foi a responsável pela popularização de um movimento que, até então, era da periferia para a periferia. A partir dos anos 2000, o funk começou a fazer parte também das casas noturnas, academias e outros lugares predominantemente ocupados pela classe média. Após conquistar esses espaços de destaque, os artistas das comunidades que possuem interesse em fazer música, tendem a migrar para o funk. Com isso, frequentemente, o funk começou a se tornar um espaço para que haja denúncia, mas, comumente as letras falam sobre o orgulho do povo

periférico. Esse orgulho serve como defesa contra o estigma que vai da classe social aos gostos musicais.

Em defesa dos bailes, Bruno Ramos, articulador nacional do movimento do funk aponta que as inconsistências presentes nas críticas midiáticas possuem viés sociopolítico. Ao não ser protegido pelo Estado, pela mídia ou pela sociedade, o ritmo foi resguardado pelos traficantes que cresceram ouvindo, e possuem uma influência paralela dentro das comunidades. Ao invés de ser tratado como objeto da cultura brasileira, o funk ainda é visto como caso de polícia, vigiado e oprimido pela segurança pública.

Com isso, o discurso contrário ao funk vem sendo uma estratégia política corriqueira, pois muitos candidatos tratam o gênero como um problema que precisa ser combatido. A justificativa é estigmatizá-lo como algo negativo e violento com a promessa que a questão da violência urbana será resolvida com a censura dessas músicas. Porém, o funk ao passo que ganha visibilidade nacional e mundial, como ocorreu com as cantoras Anitta e Ludmilla, que levam o funk carioca ao mundo por meio de festivais renomados, exaltando a essência do povo periférico brasileiro refaz a imagem do ritmo no mundo. Passando a tratá-lo como o orgulho de um povo que se refaz na arte e na cultura da sua nação.

O festival "Rock in Rio" hoje tornou-se uma marca mundialmente conhecida pelas suas atrações e pelo porte dos seus eventos. Contudo, em sua nona edição (2022) a produção criou um espaço denominado "Palco Favela" que possuía o objetivo de dar visibilidade ao funk. Com shows extremamente lotados, os grandes artistas do Brasil, ainda, não conseguem alcançar o palco de mais destaque do festival, que limita suas aparições no famoso "Palco Mundo" aos convites de outros artistas.

O que nos leva a refletir que essa inserção do ritmo nos palcos do festival foi motivada por interesse mercadológico. Se o Funk Carioca é um dos maiores patrimônios imateriais do Rio de Janeiro, sua presença no festival não deveria ser tão desvalorizada em relação aos artistas internacionais. Uma vez que o verdadeiro público do Rock in Rio não são os povos periféricos, mas o povo que não tem coragem de ir a um baile como o "Baile da DZ7" devido ao parâmetro social que marginaliza essa parcela da sociedade que o frequenta, a inserção desse público que arrasta multidões torna-se cada vez mais rentável ao bolso dos patrocinadores. A criminalização dos

bailes periféricos também é uma forma que os empresários encontraram de fazer uma intervenção econômica, visando que esse público comece a pagar por esse entretenimento

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funk, assim como ritmos descendentes de culturas negras, ao longo de décadas sofre o processo de apagamento histórico. Mas, ao passo em que algumas manifestações ganham visibilidade nacional e chegam aos ouvidos e gosto do público internacional, começa-se uma nova fórmula: lucrar em meio ao movimento que antes, era tipo como marginalizado e criminalizado. Assim, a elite usa-se e apropria-se do funk com o intuito de monetização. Porém, a mesma elite, associa o funk e a parcela da população que vive nos espaços de manifestação artística como motivo de crime e a violência. O Estado, como complemento dessa política de extermínio negro age como se tivesse autonomia para criminalizar a juventude que utiliza-se do funk como arte, dando espaço para justificar o encarceramento e assassinato do povo preto e favelado.

Objetivando atrair atenção à temática, este artigo aponta as incoerências que ocorrem na sociedade quando em um momento jovens estão sendo mortos nos bailes das periferias, mas em eventos festivos de destaque estão transformando a favela em palco. Onde grandes empresários se promovem expondo a cultura, entretanto não tem conhecimento mínimo sobre o movimento cultural. Assim, evidencio que o funk será o refúgio para jovens negros e favelados, mas também, a perpetuação do racismo e capitalização do movimento pela elite.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Isabela. **A criminalização do funk e o preconceito contra as culturas periféricas.** Site Politize, 06 dez. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/criminalizacao-funk/> Acesso em: 14 set. 2022.

BRAGANÇA, Juliana. **O Funk entre criminalização e glamourização.**

Disponível

em:

<https://www.editoraappris.com.br/noticias/ver/62-o-funk-entre-criminalizacao-e-glamourizacao>.

Acesso em: 14 set. 2022.



FERREIRA, Luã. **Funk: criminalização, denúncia e apologia ao crime.** Nexo Jornal, 05 jan. 2021. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2021/Funk-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-den%C3%BAncia-e-apologia-ao-crime>. Acesso em: 20 abr. 2023.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Quarto de despejo: diário de uma favelada** / Carolina Maria de Jesus; ilustração Vinicius Rossignol Felipe.-10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

NEVES, Daniel. **Samba, patrimônio cultural do Brasil.** Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-samba.htm> Acesso em: 20 abr. 2023.

PÁDUA, Carolina. **O papel da mídia na construção da imagem da favela Carioca como atração turística,** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2843/1/CCARVALHO.pdf> Acesso em: 14 set. 2022.

RAMOS, João Aloysio. **A estética da favela, beneficia apenas quem não vive nas comunidades,** 22 nov. 2021. Disponível em: <https://grupoparanacomunicacao.com.br/estetica-da-favela-beneficia-apenas-a-quem-nao-vive-nas-comunidades/> Acesso em: 14 set. 2022.

ROCHA, Camilo. **Popular e perseguido, o funk se transformou no som que faz o Brasil dançar.** Nexo Jornal, 22 out. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dan%C3%A7ar> Acesso em: 20 abr. 2023.

VALLADARES, L. P. A Gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 15, n. 4, out. 2000, pp. 6-33.

YAHOO Notícias com o Alma Preta Jornalismo. **Melanina: Das batidas das festas surge o empoderamento do povo preto,** 02 dez. 2019. Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/por-dentro-do-baile-da-dz-7-local-onde-morreram-9-jovens-em-sao-paulo-180956308.html> Acesso em: 14 set. 2022.